

DIVINO MARAVILHOSO

**NO MEIO DO DESERTO, NAS PROFUNDEZAS DO OCEANO E
ATÉ NO ESPAÇO SIDERAL, ESCULTOR BOTÂNICO AZUMA
MAKOTO TRANSFORMA EM ARTE A BELEZA TRANSITÓRIA
E PRECIOSA DA FLORA NATURAL**

POR MARÍLIA KODIC



A escultura botânica "Sequía y Sombra", com três metros de altura e 2,5 m de largura, montada numa salina em Jujuy, no noroeste da Argentina, em abril de 2018



Os bastidores da montagem de "Sequia y Sombra", feita com flores da espécie *Helianthus Annuus L.* Na pág. ao lado, "Iced Flowers" (2015), que teve uma segunda vida na passarela do desfile feminino do verão 2017 de Dries Van Noten, em Paris



Tendo figurado das profundezas do oceano à estratosfera, passando por desertos, geleiras, gêiseres e as madeixas de Rihanna, a poética obra do escultor botânico Azuma Makoto trata de compor, com elementos da natureza, situações naturalmente impossíveis. "Sempre tento procurar maneiras de mostrar um lado diferente das flores e plantas e exibir sua singularidade para aqueles que nunca a viram antes", diz o artista japonês.

Em 2014, num de seus projetos mais conhecidos, ele fez um ensaio fotográfico com arranjos enviados ao espaço. "Eu me perguntava como seria implantar a própria Terra a partir do céu. Além do espaço, observei o

fenômeno das flores em diferentes ambientes, como o deserto, lagos de água salgada e o fundo do mar. Estou à procura da próxima locação, e há tantas restantes ainda. Mas todas são diferentes e especiais para mim", conta ele.

Um desses cenários é a Amazônia brasileira, que visitou há quatro anos. "As plantas brasileiras são energéticas e vividas. Passei três semanas na Amazônia para criar trabalhos usando a flora local. Tudo era novo e chocante. Por exemplo, vi inúmeros insetos enxameando uma linda flor. Foi tão belo que não consigo expressar com palavras. Vi também uma planta parasita se envolver em torno de uma grande árvore de trezentos anos e

empurrá-la para o chão: foi impressionante. Senti a lei da natureza diretamente e percebi mais uma vez que há uma beleza que não pode ser fabricada pelos humanos", diz. Makoto esteve posteriormente no Brasil em 2017, quando fez uma intervenção pelas ruas de São Paulo antecipando a inauguração do centro cultural Japan House, na qual bicicletas floridas eram pedaladas por jovens de origem japonesa, e outra no Rio de Janeiro, a convite do Oi Flamengo, em que criou uma instalação com 80 mil flores. Neste ano, trouxe ao Brasil seu projeto "Block Flowers", no qual flores congeladas em laboratório e capturadas em blocos de acrílico são distribuídas em zonas de con-





“AS PLANTAS BRASILEIRAS SÃO ENERGÉTICAS E VÍVIDAS. PASSEI SEMANAS NA AMAZÔNIA PARA CRIAR TRABALHOS COM A FLORA LOCAL. TUDO ERA NOVO E CHOCANTE. FOI TÃO BELO QUE NÃO CONSIGO EXPRESSAR COM PALAVRAS”

À esq., “Smile x 1,000” (2018), em Bangkok, na Tailândia. Na pág. ao lado, a instalação floral “Crazy Garden x Ice Age”, palco de uma performance musical do artista, e uma das obras de “In Bloom #1 - Exobotanica” (2014), projeto mandou arranjos para o espaço sideral

flito. O projeto já passou por Japão, Índia, Argélia e Congo.

Suas flores blocadas foram também destaque do desfile do verão 2017 do estilista belga Dries van Noten, em cuja passarela foram dispostos 23 buquês congelados formados por cem plantas raras. “As obras que crio são feitas principalmente de material orgânico, que muda constantemente de forma; a maioria eventualmente esmorece. Então, capturo a beleza das flores antes que ela seja perdida para sempre”, diz Makoto. Admirador do universo da moda, ele também já desenhou uma coleção de acessórios com Helmut Lang, fez uma “bolsa-musgo” para a

Dior e montou vitrines e ambientações para lojas da Hermès e da Fendi.

Mais do que criar objetos de desejo, o trabalho de Azuma consiste em pensar o encontro entre a natureza e o homem, e captar a beleza do efêmero. “O ciclo de vida de uma planta é tão curto que se pode dizer que é momentâneo. É por isso que o momento de existência de uma flor é ainda mais precioso e intenso do que o de um ser humano. Eu não me concentro propositalmente em conceitos de decadência ou apodrecimento, mas eles fazem parte do meu trabalho. Sem esses elementos, ele não estaria completo”, reflete.

Há, assim, certa qualidade filosófica em seu ofício, que ele por vezes enxerga como místico, espiritual. “Quando lido com flores e plantas, tenho plena consciência de que estou constantemente tocando coisas divinas, preciosas e belas da natureza, e que estou me defrontando com a própria vida.” Com isso em mente, Makoto acredita que as plantas devem ser manipuladas com respeito máximo: “Não acho que esse trabalho tenha necessariamente a ver com aptidão ou personalidade. O mais importante é o respeito com as plantas: que você esteja ciente da importância da vida quando a transforma em arte”. Poesia viva – ainda que transitória.